

Fortaleza, 10 de novembro de 1933

Prezado Sêrvulo-

Há alguns dias recebi sua carta de 7 de outubro passado. O atraso em responder-lhe é motivado unicamente pela real falta de tempo. No correr desta você ficará ciente de tudo. Desde abril estou na direção do Museu, agora, já passados tantos meses, digo com convicção: infelizmente. Nunca vi tanta briga, tanta discórdia e tanta gente ruim neste Ceará. O que é certo, é que ninguém quer museu, ninguém quer trabalhar com correção e sobretudo não se concebe a ajuda uns aos outros. Vou lhe contar tudo, desde o começo. Estava no Departamento que desde que voltei da Europa, como você sabia. Em março dêste ano o Reitor ameaça fechar o Museu, à falta de uma pessoa que tomasse conta, uma vez que Floriano havia deixado a direção muito antes e aquela mulher que perambula pelo Museu estava na direção e não satisfazia o Reitor. Por intermédio de Paulo Elpídio, sugeri ao Reitor que gostaria que êle me lotasse no Museu, a despeito de, com esta troca de posto perder uma parte do ordenado, fato que, com a vida de casado e os compromissos assumidos não era brincadeira. O Reitor me prometeu complementar o ordenado (até hoje está por fazê-lo) e ficou eufórico com a minha decisão; o resultado é que me entregou a direção do Museu, com carta branca para agir e denunciar-lhe qualquer pessoa que trabalhasse lá e com a qual eu não me desse bem. No começo tudo foi uma beleza. Todo mundo me ajudava, se bem que a pedido meu, sempre; nada com ex-pontaneidade. Fiz várias exposições desde abril e tudo muito bem. Nunca dei mostras de que estava fazendo trabalho sozinho e sempre dei ênfase à equipe do Museu, que fazia tal ou qual exposição. Mandava o sr. Fulano planejar uma exposição e lhe dava carta branca para a arrumação, catálogo, etc. Em fins de maio anda por aqui Lina Bardi, querendo falar com o Reitor para conseguir o concurso da Universidade para uma grande exposição de inauguração do Museu de Arte Popular da Bahia, instalado num conjunto colonial em Salvador, restaurado por ela própria. O Reitor não estava aqui, viajava pela Europa. Acertei tudo com ela, prometendo-lhe convencer o Reitor da importância dessa participação da Universidade na exposição da Bahia. A exposição seria somente em fins de ~~ma~~ setembro ou começo de outubro. Na ocasião acertamos uma exposição de pintura para o Museu de Arte Moderna. A exposição se chamou "8 ARTISTAS DO MAUC"; o catálogo, feito aqui, seguiu para você, mas não sei se você o recebeu; mando outro agora. Foram todos êstes que você vê, todos na santa paz. Fui à Bahia pela inauguração e lá acertamos todos os pontos da próxima exposição. A mostra foi um sucesso, com muita gente prestigiando. Voltei e comecei a trabalhar para a grande exposição. Consegui do Reitor 300 contos e fui inicialmente ao Cariri onde comprei grande quantidade de material do artesanato da região. Depois viajei pela serra da Ipiapaba e toda a zona norte. Completei a nossa participação como acervo do Museu (cerâmica já não encontrada, ex-votos e santos populares). O certo é que enviamos cerca de 1.500 peças de arte popular. Paralelamente a esta exposição (Civilização do Nordeste), d. Lina organizou uma mostra de pintura de todo o Nordeste, querendo fazer uma oposição à ao espírito da Bienal de S. Paulo, completamente desinteressada na participação dos artistas do Nordeste. Ai começou o galho. Os artistas participantes da exposição de junho (8 artistas do Mauc) estavam tãcitamente convidados (sim, porque a exposição era a convite, como ela tôda vida me participou); apenas Aldemir não estava nas cogitações, uma vez que suas peças no Museu já haviam sido expostas em junho e nós não dispúnhamos de outras e sabíamos da impossibilidade de conseguir com o próprio, depois dos desentendimentos que êle teve com o Reitor aqui, quando quis propor uma exposição sua, na qual êle levava a parte do leão. Bandeira também estava por fora. Não tínhamos nada de nôvo e a exposição que êle fêz aqui em julho levou-a tôda para S. Paulo e ~~axixixa~~ d. Lina queria coisas novas dêle ou então uma fase anterior que era difícil de ser encontrada. Você também não entraria porque só tínhamos gravuras, já expostas na Bahia; mas chegaram os trabalhos que você mandou daí e todos foram para esta exposição. Além dêstes entraram o primitivo

F. Silva; Descartes, um nôvo que surgiu agora e do qual faremos uma exposição no fim d'êste mês; Adhemar Albuquerque (pai do Tonho da Aba-filme), ~~do~~ qual, na ocasião em que d. Lina veio aqui, expunha no Museu; Alberon, um impressor da Imprensa Universitária, que você talvez conheça; e, finalmente, integrando a nossa delegação, um jovem de Natal, Iaponi Araújo. D. Lina me autorizou a escolher os trabalhos de todos ~~os~~ os que participaram da exposição anterior e que tácitamente estavam convidados. Então escolhi os Nearco, Floriano, Zenon, Estrigas e os seus, que a esta altura já havia recebido na Alfândega, depois de mais de dois meses de luta com os despachantes. A delegação de Pernambuco estava a cargo de Brennand e ~~meia~~ d. Lina foi chamada às pressas a Recife para resolver um caso surgido entre os participantes, quase todos ligados ao Movimento de Cultura Popular e quase todos muito jovens e estreados, que diziam: ou vamos todos ou não vai ninguém; não sei o que houve por lá, o certo ~~é~~ é que, de entrada, foi excluído da apresentação Pernambucana o "papa" Lula Cardoso Ayres. De Recife d. Lina aproveitou o meio caminho andado e veio até Fortaleza ver o que estávamos fazendo. Aqui ela me explicou o que aconteceu, mais ou menos, e me disse ter excluído Lula, que ~~era~~ era um pintor "velho" e escapava ao espírito da mostra que ela pretendia fazer; nessa ocasião ela mais uma vez me disse que a exposição era a convite e que logicamente ela colocaria quem quisesse. Aqui estava muito bem, todos os trabalhos estavam selecionados: Nearco, Floriano, Zenon, Estrigas e os seus, que já haviam chegado. Estêve aqui num sábado e domingo (precisamente 24 e 25 de agosto); à noite do sábado foi à casa de Heloísa e ela mesma escolheu seus trabalhos, em número de 5. Falei-lhe sobre Alberon e ela ficou interessadíssima em ver os trabalhos d'êle, sobretudo quando lhe disse que Alberon era um gráfico que usava na pintura o material do seu trabalho; não conseguimos localizar Alberon, pois o dia 24, sábado, era feriado, dia de aniversário da morte de Getúlio. À noite, em casa de Heloísa, ela viu os trabalhos de Barrica (que estava no Ceará) e se repetiu a mesma coisa de Lula: "não serve, uma pintura "velha" e fora do espírito que quero dar à exposição". Muito bem, Barrica não vai. Sábado de manhã, no Museu, reuni todos os artistas que pude (Nearco, Floriano). Zenon estava em Brasília. Estrigas não compareceu. Apresentei-lhe Sérgio (um garoto que trabalha no Museu e também pinta); Sérgio na ocasião disse que não tinha trabalhos feitos (um caminhão da Universidade com todo o material das duas exposições seguiria 5 dias depois para Salvador). Viu Zé Fernandes e ficou horrorizada com os trabalhos d'êle e nem mesmo cogitou na sua participação. Na ocasião estava uma exposição de Albuquerque; já havíamos escolhido 4 trabalhos d'êle para irem ~~em~~ ela escolheu mais dois para fazer 6 e inclusive separou um para comprar para o Museu. Viu os Descartes que escolheramos e aumentou a participação d'êle para 6 também, variando ao seu gosto na escolha que fizemos anteriormente (A seleção estava sendo feita por mim, Floriano e Nearco). Tudo ficou então acertado. O material pronto e embarcado. Chega então Zenon e a confusão se estabelece. Antes de êle ir a Brasília já tinha tido uma discussão comigo quando reclamei que o trabalho do Museu era feito só por mim e Floriano e que ninguém me ajudava. O ponto principal de sua objeção irada às minhas observações era que não era homem para trabalhar sem ser chamado e que eu não o chamava para dar opiniões. O certo é que êle me disse uns desaforos eu lhe disse outros tantos e calei-me odiando-o para o resto da vida e arrependido de não o ter afastado do Museu logo à minha entrada; antes o que tinha feito era arrefecer a marcação que o Reitor tem por êle, conseguindo ordenado fixo para êle, às vésperas do Reitor viajar para a Europa, em maio. Depois daquela discussão êle viaja para Brasília onde fez uma exposição. Antes dessa viagem êle começou praticamente a mandar no Museu, onde todos os auxiliares lhe têm horror às brigas e desaforos que a tôda hora solta, ~~xxxx~~ do mais baixo auxiliar até eu próprio; impõe seus trabalhos particulares em detrimento dos do Museu e todos o obedecem ao invés de a mim; enfim, é um verdadeiro "cavalo de cão" montado nas minhas costas. A esta altura não sei mais o que fazer. Bem, como tudo já estava resolvido, o material ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ partiu e depois che

ga Zenon e se dá a fazer as maiores confusões. Reune os trabalhos de Barrica, Zé Fernandes e Sérgio e enfia para a Bahia, em nome do Museu, com uma carta para d. Lina, dizendo-lhe que se ela não expusesse aqueles trabalhos pedia para ela retirar os seus; ela lhe responde dizendo que sente muito, mas não expõe os trabalhos; não abriu a caixa; e ~~que~~ os d'ele, conforme pedido, serão retirados da mostra. Lá vai Estrigas e lhe escreve se solidarizando e pedindo a retirada dos seus trabalhos também. A esta altura eu já tinha ido à Bahia para a exposição que seria a 12 de outubro e que foi adiada para 3 de novembro. Fui à Bahia naquela ocasião e voltei para esperar aqui a nova data. Estrigas sai e eu soube por d. Lina que a resposta à carta d'ele tinha sido muito atrevida, como talvez só ela saiba ser. ~~xxx~~ Me telegrafa imediatamente pedindo os Bandeira do acervo do Museu para substituir os Estrigas, uma vez que a exposição de pintura já estava toda montada. O caso de Alberon foi simples: Lina não viu os trabalhos d'ele aqui e eu resolvi, na minha primeira viagem à Bahia levar os trabalhos d'ele para ela ver; ela gostou imensamente e imediatamente mandou colocá-los no lugar de Zenon, que a esta altura já havia pedido demissão. Uma das maiores raivas do pessoal aqui é que eu protegi Alberon e impus sua participação e que deveria ter feito com Sérgio, que ~~já~~ na ocasião de mandar os quadros não tinha nada e dois dias depois me aparece com 3 pinturas horríveis, dizem também que eu deveria ter imposto a participação de Barrica! Imagine, eu impor alguma coisa a Lina Bardi! É certo é que a exposição se realizou no dia 3 e durará até fevereiro e de Salvador irá a São Paulo e Brasília. Tudo foi uma beleza, a promoção foi enorme, pois 80% do material exposto era do Museu do Ceará; o Reitor compareceu, ficou impressionado com o nosso trabalho; sinto que ele me prestigiará mais, mas não sei se até o ponto de concordar com a retirada dos meus algozes lá de dentro, exigência que vou fazer logo que d'ele volte do Riá. Passei este tempo todo a lhe contar a exposição da Bahia e os galhos que ela deu e está dando (Zenon promete pelos jornais desencadear uma campanha contra mim) e não sei se você está tendo uma idéia do horror que é a minha situação do Museu; se o Reitor não me ouvir e não tomar uma série de providências serei obrigado a ~~xxxx~~ sair, tal as condições desfavoráveis que tenho. Tudo sou eu que tenho de fazer, a menos que implore os serviços mais materiais. A única pessoa que me ajuda é Floriano, na medida em que pode. Na minha primeira ida a Bahia, em fins de setembro, deixei Lininha, respondendo pela direção; quando voltei, tinha sido montada uma horrível exposição Barrica (mal montada e ridícula) e desfeitas todas as salas de exposição permanente que deixei desde maio (com cerâmicas e ex-votos), quando voltei à Bahia, já para a inauguração definitiva da exposição deixei-os, Lininha e Nearco, encarregados da remontagem das salas desfeitas; à minha volta, dia 7 último, nada tinha sido feito e eu, sozinho, tive de montar tudo novamente, desta vez já com o Museu todo, pois a exposição Barrica tinha terminado e o Museu estava às portas e fechado... Enfim, de tudo isto resulta a minha posição insustentável no Museu, a menos que o Reitor me prestigie e tire meus inimigos de lá, o que não creio possível. Zenon, hoje pelos jornais, promete uma campanha contra mim, se eu não vou dizer publicamente as razões de não terem exposto na Bahia todos os artistas do Ceará. Na Bahia estivemos com Violeta e Pierre, que representavam Miguel Arrais. Agora vamos à sua carta, desde o começo. Como disse, recebi o rôlo e o pacote com seus trabalhos e com cartazes e catálogos. Eu mesmo, desde muito tempo estou para preparar a coleção de gravuras para a B. Nacional; a partir de amanhã vou começar a tirar eu mesmo as cópias. Acho que umas 50 serão suficientes, assim como para o Museu de Basileia. Não sei se poderão chegar antes de sua viagem à Suíça, mas vou examinar. Também enviarei as gravuras para Stroeter, mas você precisa mandar o seu endereço em S. Paulo para enviar logo que estejam prontas. Estou em casa e não tenho o material referente às refistas Graphis. Amanhã escreverei um parágrafo sobre o assunto, bem como sobre as gravuras do livro de Cláudio. Não sei se você se lembra que, antes de minha volta daí, muito pouco ~~xxxxx~~ tempo mesmo, recebi da Panair um aviso de uma encomenda que chegava; eu não sabia o que era e não havia tempo de providenciar o recebimento. Quando cheguei soube que tinham mandado daqui, sem me avisar, um pacote de gravuras e uns tacos, de 6 a 10, os quais, a esta altura, não sei onde andam. A menos que estejam nos depósitos da

Panair aí em Paris, já se terão perdido. Não sei o que fazer em relação ao assunto. O que é que você me aconselha? Bem Sérvulo, fui eu quem escrevi demais. Nem sei se você está muito interessado em saber que rumo está tomando a vida do Museu. O que eu sei é que estou quase cheio já. Lúcia manda lembranças para Anne sua filha e para você. Um abraço para vocês todos do

Servi

Hoje fui na Imprensa e mandei separar os 200 exemplares de cada gravura. Quando me lembrava mandei-os para o Museu, em pacotes, onde ficavam até - você tomá-los. Não vai levar tempo de solucionar, ou melhor, de lhe imprimir os papéis. As revistas estão na Biblioteca Cardinal, onde você pode ir hoje. Logo lhe enviarei a respeito. Até outra vez com abraço de

Servi
Contemporânea